

Demonstra-se que as verdadeiras feras, os verdadeiros monstros sanguinários são as entidades odiosas que o sr. Trindade Coelho defende

O sr. Trindade Coelho faz das classes conservadoras uma ideia deprimente. Nós, se fôssemos capitalistas, bem instalados na vida, com o nosso negócio de arroz ou de sabão, com as "vitruínas" envernizadas e reluzentes, com a nossa casa tranqüila e comodamente servida por fôfos tapetes—não admitiriamos que o sr. Trindade Coelho especulasse com o nosso amor às coisas confortáveis que nos rodeassem e muito nos custariam a perder, para nos forçar a tomar parte activa numa política de meia dúzia de espertos votando por eles, sustentando o jornal, que é deles, e elevando-os à categoria de deputados, que a eles só aproveita.

Felizmente, nas classes conservadoras ainda há criaturas esclarecidas que sabem muito bem que o sr. Trindade Coelho, ao pintar a seu modo a triste situação de que ele e os seus cúmplices são culpados, não leva na alma o intuito nobre de apontar ao país o caminho da regeneração e do progresso, mas a mesma ambição mesquinha que o levou a cuidar durante a guerra, numa casa alemã, dos interesses sagrados da família...

Aos bebês ingênuos, cãndidos, suggestionáveis fala-se-lhes no papão que anda a rondar lá fora, na noite tempestuosa, para obrigá-los, por essa cruel coacção moral, a proceder como nós adultos entendemos. Ao pacato burguês, sempre receoso de perder os haveres e a vida, fala o sr. Trindade Coelho na fera insaciável, no monstro sanguinário que, afinal, avulta mais no coração dos homens que têm abusado da candura do povo, transformando-o por vezes numa fera, do que no coração das multidões que têm levado enganadas, sobre os seus

ombros rudes, os cavalheiros da indústria que nos têm governado—como o director do *Seculo* que convencer o pacato burguês a levar as costas até ao parlamento os Pereira da Rosa que depois dele se esquece. O sr. Trindade Coelho alarma-se muito perante a série de atentados violentos que em Portugal se têm produzido contra várias individualidades. Mas o seu alarme corresponde de mais a um intuito meramente especulativo do que a nobre intenção de transformar o péssimo ambiente português de forma a impossibilitar esses crimes. Por isso passa, como gato por brasa, sobre as verdadeiras origens desses actos sangrentos para inventar umas vagas responsabilidades de dirigentes que, no seu entender, acossaram a fera adormecida. Qual fera, nem me falia! Isso é realmente uma esplêndida invenção para impelir os defensores do poder, as piores feras, as verdadeiras feras, a perseguir, deportar e fazer cair a tiro muitos inocentes e um ou outro tresloucado e impulsivo a quem o espectáculo da bandalheira nacional arrasta aos actos mais condenáveis.

Mas feras, as verdadeiras feras, hoje na República, como ontem na Monarquia, são os homens incompetentes e ambiciosos que, mercê da defeituosa organização social capitalista, alcançam os lugares de predomínio onde tripudiam. A incompetência dos dirigentes monárquicos, autênticas feras pela tacahez mental, pela rigidez dos processos governativos, pelo esbanjamento dos dinheiros da nação, e, por outro lado, a feroz campanha republicana feita mais de violência do que de ideias construtivas, mais impregnada de ódios do que de sentimentos altruístas, geraram o regicídio. O rei e o

príncipe, decerto os melhores e os menos culpados—que de condenável não tinham senão a sua situação social privilegiada incompatível com as aspirações da época—pagaram pelas culpas dos que governavam em seu nome.

Mas ainda dessa vez a fera não estava no coração do Buíça e do Costa impelidos pela onda, levados no turbilhão da luta, arrastados na maré das paixões desencadeadas a esse acto brutal que homens inteligentes imprudentemente aplaudiram. A fera estava nos ambiciosos que queriam trepar aos ombros dum povo sedento de justiça; a fera estava nos processos brutais de governação usados pela camarilha monárquica que, instalada à mesa do orçamento, não a queria largar. E talvez da banca do orçamento tivesse caído alguma migalha saborosa que o sr. Trindade Coelho ainda hoje rumine com prazer...

Mais tarde, na república, o ambiente não se modificou e os homens bem instalados na vida e na política que o estabeleciam, quedavam boquiabertos quando braços irmãos dos do Buíça se erguiam inexoráveis e abatiam um do bando. E não compreendendo, como o sr. Trindade Coelho agora finge não compreender, que esses atentados sangrentos, que de quando em vez surgiam a salpicar de sangue o regime e o país, provinham apenas da própria desmoralização e mal estar que eles, os senhores, criavam, apontavam o assassino, clamando: —Eis a fera!

Porém, a fera é o regime e os homens que o governam. Eles armaram os braços que derrubaram Machado dos Santos, António Granjo, Pedro de Matos e Sidónio Pais. Eles são os verdadeiros assassinos.

Agora vem o sr. Trindade Coelho deturpar a verdade histórica dos factos para apontar ao burguês, como feras, os homens que matando são por vezes vítimas mais inocentes do que os assassinados. E' para os pobres-diabos que o sr. Trindade Coelho chama a atenção do pacato burguês que, elegendo amanhã um Pereira da Rosa qualquer, não modificará o regime senão num sentido pior. E' aos pequenos, aos humildes que fornecem a carne para as revoluções mesquinhas, e são heróis, e para a Guiné, passando logo a ser no conceito dos que na péra lhes chamaram heróis, os bandidos da pior espécie, é para essas tristes consequências dos crimes dos governantes e dos detentores da riqueza inerte em mãos poluídas; é para esses pobres fragmentos sem vontade—que andam ao sabor da vaga desmoralizadora da nossa época,—que o sr. Trindade Coelho, culpado e cúmplice dos verdadeiros culpados, chama a atenção alarmada do país.

O sr. Trindade Coelho que tanto falou ontem em crime e fera hedionda não pretendia atacar as verdadeiras feras, desejava apenas defendê-las. O sr. Trindade Coelho defendeu as feras da alta finança que especula e não trabalha, do comércio que pretende ir ao parlamento para transformar de feira franca que é, em balcão de meia dúzia de magnates, da lavoura que "patrioticamente" deixa de cultivar a terra, do industrial inculto, tacaño, que apenas sabe viver à sombra das pautas alfandegárias e da miséria dos operários. Estas feras que geram os crimes sociais não vê o sr. Trindade Coelho. Estas alimentam-no. Não são feras, são anjos abençoados e protectores...

Numa brilhante conferência, ontem realizada, o dr. sr. Orlando Marçal afirmou que a justiça que impende sobre os presos e deportados é mais repugnante e vilipendiosa do que a do tempo da Inquisição

A's 21 horas o vasto salão da Construção Civil e corredores que lhe dão acesso estavam apinhados da multidão que acorreu a ouvir a conferência do conhecido homem de leis dr. sr. Orlando Marçal. Entre a assistência vêm-se alguns juristas. Um membro da comissão pró-regresso dos deportados faz a apresentação do conferente, citando o tema "A arbitrariedade das deportações sem julgamento".

—Não sou aqui o político—diz o dr. Orlando Marçal—venho falar-vos como pioneiro de ideias de liberdade.

Em voz quente e espaçada, o ilustre caudilho saúda a assistência em que vê valiosos elementos da grande família do trabalho, ciosos como ele do respeito das liberdades públicas.

Acceptando o convite que lhe dirigiram para tratar em conferência a situação dos chamados "legionários vermelhos", vem cumprir um dever, levantando agora, como já o fez no fóro, a sua voz contra a iniquidade e o crime bárbaro da justiça portuguesa.

Dos julgamentos de operários dos últimos tempos, recorda o de Nunes Canha, cuja honestidade é indiscutível, em cujo julgamento afirmou que, ante todos os casos, a justiça deve ser apenas uma, igual para todos e não uma justiça para ricos e outra para pobres.

Apresenta o conceito da justiça através das épocas e refere que antes do século XVIII era o arbítrio quem imperava e que só a Revolução Francesa, em 79, com os incipientes insignes Voltaire, Montesquieu e Rousseau, fez envolver a justiça pelo caminho da equidade.

Portugal, país essencialmente conservador, ficou alheio a esse progresso até 1820 e só então começaram as lições da grande Revolução. Foi preciso que o sr. Benthem, célebre filósofo inglês, propusesse ao governo português de então a codificação de toda a legislação portuguesa. Demonstrando claramente a sua erudição, o orador passa em revista a luta então travada entre conservadores e liberais, luta que terminou pela acção dos pontos de vista de Barjona de Freitas contra a pena de morte e dos de Lopo Vaz que fez a codificação do sistema penal, terminando com a perpetuidade das penas.

Entre os aplausos da enorme assistência, faz o confronto entre a forma como então se respeitavam os princípios estabelecidos e o despalante com que hoje se calcam todas as disposições legais.

A Carta Constitucional da monarquia—diz—estabelecia a liberdade de expressão de pensamento, a igualdade ante as leis e outras regalias; e a Constituição era respeitada. Hoje, esses direitos, como os demais consignados na Constituição do regime vigente, não são respeitados.

Neste momento nem sequer ao povo é reconhecida a liberdade de defender os seus mais santos princípios de emancipação, ao mesmo tempo que se dá largas à propaganda reaccionária e ultramontana.

—Há que defendermos os santos princípios—afirma com calor—e eu ajudarei a defendê-los, ainda que seja na barricada! (Fartos aplausos).

—Fala-se no problema da ordem. A ordem está conhecida; nós que somos o trabalho e a vida, somos a verdadeira ordem. Os outros, os caladores dos direitos públicos e das leis, são a desordem, os bolchevistas, segundo o significado que eles dão a este termo.

Em seguida o dr. Orlando Marçal diz que o seu intuito não é agradar às massas, mas cumprir um dever de consciência. Não pode afirmar que esses homens que há 5 longos meses apodrecem nos imundos calabouços e os que se encontram deportados na Guiné estejam todos inocentes. Mas, admitindo a hipótese de que todos tenham delinquido, porque os não apresentam aos tribunais? Estes não satisfazem as exigências da actual justiça? Então dissolvam-nos e procurem-se constituir-nos convenientemente!

—Assim é que se não pode continuar,

sob o império do arbítrio e da ilegalidade. E' preciso conjugar esforços para que se faça ouvir a voz da Verdade e da Justiça, por essa gente mais surda de espírito do que de ouvidos.

A enorme mole de assistentes ouve em silêncio a voz do conferente, silêncio de angústia, por vezes entrecortado de soluços das famílias dos presos e deportados que assistem.

O orador alude agora às maquinações urdidas para captura dos que discordam do estado social presente, referindo-se a propósito à prisão do militante libertário João Maria Major, vítima do ódio torvo dos magnates setebalenses.

Descreve uma conversa entre conservadores, que ouviu no Norte quando fazia uma cura de repouso. Esses paladinos do antanho manifestavam o seu júbilo pela morte de um legionário na Guiné, ao qual acusavam de ter tomado parte num atentado de que ele, advogado, o sabe inocente, pois que a esse tempo, esse rapaz estava a ferros.

Afirma que é a Sociedade que gera a delinquência. Não há delinquente cujo acto não tenha justificação, tanto sob o ponto de vista jurídico, como sob o ponto de vista moral, visto que muitos vezes o homem, acossado pela sociedade, previra à face das leis para buscar o alimento para si e para os seus.

E o orador prossegue, afirmando: —Os crimes da "Legião Vermelha" constituem um *film* policial. A gente acusada de ter tentado contra a vida dum chefe da autoridade constitui já quasi um exercício.

Em seguida descreve como se organizam os processos dos presos por delitos de ordem social, tomando-se quasi sempre por base o "homicídio frustrado" na certeza de que assim um inocente sofrerá uma longa pena antes de ser julgado; isto porque a lei não admite fiança para estes casos.

A propósito refere-se ao deportado Pedro Guia de Oliveira, mandado para a Guiné em vésperas de julgamento e acusado de perigosos, quando afinal, pelo cadastro tirado na polícia, o mesmo tem apenas 4 prisiones sem importância.

Em tom sentido e vibrante, o orador diz:

—E é assim que no meu país se faz a justiça, de forma mais repugnante e vilipendiosa do que no tempo da Inquisição! Depois, como forma de levar os homens do mando e das leis a envolverem pelo verdadeiro caminho da Justiça, incita a que constantemente se reclame o julgamento imediato dos presos e deportados.

Por si e nesse sentido—diz—irá fazer uma reclamação ativa.

Chama infame ao procedimento dos que accusam esses homens só pelo prazer de accusar, pois entende que, além do lado jurídico e social, o assunto deve ser encarado sob o ponto de vista humanitário, pois ainda que esses homens sejam considerados adversários nem por isso devem deixar de ser defendidos, contra o atropelo às próprias leis.

Invoca uma página de Blasco Ibañez, em que este escritor encontrou uma mulher angustiada que, rodeada de filhos, chorava junto às grades da prisão que guardava o esposo. Perguntada sobre o motivo do seu desespero ante a serenidade do esposo, essa mulher respondia-lhe que era ela a maior vítima do ódio do senhor da terra que ordenara aquela prisão.

Assim sucede neste caso: Os mais condenados não são esses rapazes que se estiolam nos calabouços e em terras de Africa; são as famílias que ficaram sofrendo e se arrastam soluçantes implorando a sua libertação.

Termina afirmando que, não como político, mas como cidadão, se interessa pelo breve regresso e reparação desses homens.

O discurso do ilustre caudilho foi coroado com uma quente salva de palmas. A multidão debandou e, cá fora, depositou numa bandeira sindical 105\$55 para auxílio dos presos e deportados.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Um divertimento do Parque Mayer que é bem o vínculo duma civilização decrépita

Lisboa é, como convém a uma cidade moderna, um centro de prazer e luxúria. Desde o club "chic" à taberna ascorosa, a capital possui um sem número de casas onde o lisboeta se embriaga aos acordes dos fox-trots ou aos gemidos das guitarras. Em todas essas antros onde o vício medra com fúria assustadora e arrasta na sua voragem uma mocidade incivilizada, o lisboeta vê nitidamente o vínculo duma época passada, mas que revive ainda em toda a sua brutalidade.

A completar o quadro dissoluto, Lisboa possui também o seu Parque Mayer, sumptuoso na sua exteriorização, mas pobre no âmago. Ali a vida num rodopiar macabro passa ligeira sem que as suas mazelas possam ver-se, sem que essa onda de pú deixe de salpicar os indiferentes que ali se atraíam pelo som metálico das filarmónicas de três ao vintém, ou pelo convite libidinoso de muito estúrdia...

Sem nos demorarmos a expor este ou aquele divertimento do Mayer, porque isso seria reclamizá-los, não deixaremos hoje de ferir um que personifica duma maneira clara essa purulenta chaga que para vergonha duma civilização se estadeia com furor e indiscreção.

Referimo-nos ao "Baile das Sapeiras", que quasi a um extremo daquele parque de miséria e de odor todas as noites oferece ao lisboeta um quadro vivo da sua purulência. E' um baile frequentado por grande número de prostitutas registadas e por outras não menos desgraçadas, mas que por felicidade ainda não passaram pelo palácio (sic) da rua Capelo. Até aqui parece que o quadro não oferece à crítica um motivo forte para exame. E assim é. O cidadão preservar-se-ia contra esse pantano e as suas fezes não o atingiriam. Mas é que a teia está de tal modo emaranhada que muita gente, não queremos referir-nos à sua categoria, ali é atraída, como o lópa a quem Micas Gouveia tantas vezes arrastou às suas ratoeiras para os desapossar dos haveres.

Com muitas dessas desgraçadas, conhecidas nos registos policiais e que acidentalmente se encontram no desempenho do mister de criadas de servir, vão bastantes raparigas recenhegadas da provincia e na simpória ilusão de que passam uns momentos de recreio no "Baile das Sapeiras" vão confundidas na mesma lama. E é ver os seus algozes, que as esperam nesse "Parque", não mais as largarem. Recordam-se de os termos visto há dias, quando um amigo nos convidou. Têm bem a psicologia de *souteneurs*. A polka, a valsa, a mazurca, os ordinários não os seduzem. Odeiam a música, detestam a dança, só têm um prazer, um prazer sensual que saciam nessas infelizes provincianas que um convite prazenteiro da colega as atraiu à desgraça.

Quando ali estivemos, estonteados pela luz, pela música, pelas bebidas ingeridas num arremedo de bufete que ali existe, vimos duas raparigas, pouco mais de 15 anos, procurarem fugir aos convites sedutores de outros tantos conquistadores. Na sua impertinência eram ajudados pelas próprias colegas das vítimas, quais proxenetas, que as iludiam com promessas de bem estar e de felicidade. E lá fora as duas moçoilas, Avenida a baixo, com os seus algozes, enquanto as suas colegas de profissão rodopiavam freneticamente no recinto viadojo da polka...

O "Baile das Sapeiras", sucedendo dum outro que houve ali próximo, à Rotunda, é uma bacanal odienta, onde se mercadeia o corpo de muita infeliz que a febre de prazer arrasta e confunde. Rara é a noite que cenas baixas e de opróbio se não dão e vêm vividas aos olhos indiferentes da autoridade que por elas nutre um glacial desprezo.

Especialmente ao domingo e dias feriados, quando muitas das criaditas conseguem a sua folga, o "Baile das Sapeiras" tem o odor duma bacanal pagã, de instintos e sentimentos selvagens, onde crianças de tenra idade e raparigas de porte honesto servem de prazer a libidinosos sem escrúpulos.

Quantas vítimas essa baixa ratoeira tem causado, nos pequenos meses da sua existência que bem funesta já é. E a culpa de toda essa vida amoral está a polícia e o governador civil. O que nós vimos, vê-se à vista desarmada...

Confundidas na lama que asferge desse foco que é o "Baile das Sapeiras" há prostitutas, mulheres e filhas de operários, prostitutas, rufiões, gente reles e repugnante que dança convulsivamente, numa embriaguez voluptuosa.

Toda a gente, incluindo a própria polícia, se prostitue num movimento estonteante e provocador.

As crianças não escapam a essa devastação, desde que não lhe seja vedado ali o seu acesso. Traga uma simples crónica essa precóce luxúria é impossível pela sua violência e imoralidade...

Essa bacanal que se chama o "Baile das Sapeiras", pode considerar-se o centro donde irradia a lama que o Governo Civil regista e da qual auferem fartos proventos. O "Baile das Sapeiras" é um antro viscoso onde os vícios da Sociedade fermentam com todos os seus horrores e tragédias. O "Baile das Sapeiras" é uma das muitas chagas purulentas do Parque Mayer tão do agrado da polícia e para a qual, nem o seu comandante, nem o governador civil ainda tiveram uma única palavra de repulsa, nem um único gesto de desgosto.

Lisboa continua a possuir, como disse-

mos, esses vínculos da moderna civilização, como o referido baile, que envergou a habitação dos habitantes do sertão, mas que é tão aplaudido por tanto conselho da nossa época...

A AGITAÇÃO NA CHINA

Uma contra-revolução?

De Macau recebeu-se um telegrama comunicando que a situação naquela provincia continua perfeitamente normalizada, não tendo havido o mais pequeno incidente. Comunica também que em Cantão, Hong-Kong, há movimento de forças e ter rebentado uma contra-revolução, tendo havido alguns combates tendo sido presos oficiais e desarmadas tropas suspeitas. O governo de Pequim apoiando a contra-revolução mandou alguns navios de guerra estando presentemente dois em Hong-Kong e o cruzador *República* encontra-se desde oito do corrente em Hong-Kong à ordem do governador de Macau.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

A JUSTIÇA DELES... UM ASSASSINO POSTO EM LIBERDADE PELO SR. FERREIRA DO AMARAL!

Isto de assassinar o próximo é um direito que foi conferido à polícia, não pelo chefe de Estado, não pelo ministro do Interior, não por nenhuma disposição legal, mas pela vontade que continua sendo omnipotente do sr. Ferreira do Amaral.

Para que se não diga que isto é invenção nossa transcrevemos do conservadíssimo e insuspeito *Diário de Notícias* o seguinte bocadinho de tiro:

"O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terremotos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito polícia fora baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o «verdictum» daquelle conselho".

Temos o sr. Ferreira do Amaral a fazer revisão dos processos, arvorado assim em Procurador Geral da República. E' a impunidade jurídica, é a lei feita em rameira entregando-se numa ante-câmara do hospital de São José ao comandante supremo dos sabres, das espingardas e das pistolas policiais.

O sr. Ferreira do Amaral fez nos jornais —nalguns jornais reaccionários como a *Epoca*—uma grande campanha contra a magistratura por meio de ataques furibundos aos tribunais, accusando-os de deixarem impunes os criminosos. E, para demonstrar que a sua discordância pela acção legal dos tribunais era alguma coisa mais que uma simples expressão verbal, arvorou os polícias em juizes instituindo, ele próprio, a pena de morte que começou a ser aplicada no

Em Bordeaux deu-se uma misteriosa explosão

Deu-se um gravíssimo incidente há dias no porto de Bordeaux.

O vapor "Saint-Brieuc", carregado de bombas e de diversas munições com destino a Marrocos, foi pelos ares na doca de Bassens.

O comunicado do ministério da Marinha diz que há numerosos feridos.

Uma confusa explosão

Mal chegou a Paris a notícia da catástrofe, o ministério da marinha explicou o drama, afirmando que este fora ocasionado por um... acidente nas máquinas!

Os jornais franceses da oposição não dão crédito a esta informação.

Mistério!

Um tratado de comércio germano-russo

MOSCOWIA, 13.—Foi hoje assinado o tratado de comércio entre a Rússia e a Alemanha.

O rei de Espanha vai a Paris

PARIS, 13.—Afonso XIII é esperado em Paris na próxima semana. Vem conferenciar com o sr. Doumergue e Painlevé sobre assuntos relativos a Marrocos.

Oliviais e que depois continuou a ser posta em prática, como sendo a cousa mais natural deste mundo.

O sr. Ferreira do Amaral substituindo-se aos tribunais pôs um assassino em liberdade.

Pera dignificação da polícia assim devia de ser. Os polícias que assassinam não devem ser presos mas glorificados e elevados a cabo de esquadrão.

Este Ventura tem o seu futuro garantido

... No ridículo!

A Epoca vinha ontem indignada com a literatura imoral e garante que o governador civil, instigado por aquele jornal, estava na disposição de a reprimir.

O governador civil está no seu direito de ser instigado por toda a gente—menos por nós, bem entendido. Agora na repressão à literatura imoral parece-nos que vai obedecer às instigações da asneira, principalmente. Não há literatura imoral, há pornografia que tanto pode estar dentro dum livro, como nas revistas do ano—como nos pôdios do governo civil.

O que a Epoca quer é a apreensão de livros que ela considera imorais e que são todos os que estão no Index. Resta saber se o sr. Filipe Mendes está na disposição de deixar de ser autoridade da república para ser autoridade da Companhia de Jesus. Se assim acontecer cairá no ridículo—no ridículo que sepultou o sr. Viriato Lobo quando teve idénticas intenções.

A imoralidade das esquinas e das paragens

Existem, em Lisboa, em grande número, os selvagens que, disfarçados sob uma indumentária cuidada e snob, perseguem as senhoras com os ditos mais equívocos e mais grosseiros. Só num país de cafres esses indivíduos conseguem impunemente insultar mulheres dignas. Temos o maior desprezo por esses indivíduos que dão mostras duma grande cobardia e duma espessa estupidez e é com regozijo que constatamos que o operário não faz causa comum com esses elegantes pulhas e sabe respeitar as mulheres, não as ofendendo com expressões pornográficas.

O governador civil vai reprimir esses ditos grosseiros e vai, segundo o que temos num jornal de ontem, reprimir as piadas das esquinas e das paragens dos eléctricos. Não acreditamos na proficiência dessa repressão e recamos até bastante que a polícia, estúpida e grosseira, venha a agravar as coisas. A polícia é incapaz, como corporação, de meter na ordem indivíduos tão brutais que ou já pertenceram à polícia ou nela já deviam ter ingressado.

Um vézame

O Parque Mayer ou quem nele superintende tem uma grande fobia pelos jornais e pelos jornalistas, fobia que, diga-se de passagem, ainda um dia poderá a vir receber condigna resposta porque nem a imprensa, nem os seus profissionais suportarão ser, perpetuamente, tratados como se vivessem na cafraria.

A Batalha tem duas entradas que não negligenciam. Sapinheiros nós que elas dariam direitos equivalentes aos dos outros bilhetes que permitem ao seu portador fazer entrar gratuitamente uma senhora. Porém assim não acontece. Anteriormente o porteiro ordenou a um nosso camarada de redacção que adquirisse um bilhete para uma senhora da sua família porque o bilhete de favor—quem é que pediu favores?—não lhe dava o direito que só os portadores dos bilhetes pagos usufruem. O vézame em que esta situação de inferioridade coloca o bilhete da imprensa só podia ser ordenado por quem não desconsidera. E nós bruta-mente não estamos dispostos a suportar.

O conto do vigário

E' um facto incontestado que o número das pessoas ludibriadas pelo conhecido or-

cesso do conto do vigário aumentou desde a guerra europeia, período esse em que a moral da sociedade se tornou mais corrompida. Não se julgue que foi o número dos vigaristas que aumentou com o facto da sociedade se ter corrompido, o que aumentou foi o número dos vigarizados.

Como se sabe o conto do vigário deve-se à suposição em que fica a pessoa vigarizada, de que burla o vigarista. Este costuma fingir sempre de parvo e rouba os outros quando os consegue convencer que é pessoa capaz de se deixar roubar por eles. O vigarizado e o vigarista demonstram que são dignos um do outro, com a diferença de que o que vence não é o mais desonesto mas o mais astucioso.

Por isso estranhámos que ontem o vigarizado fosse um escravidão da Boa Hora. Não supúnhamos que houvesse alguém capaz de ultrapassar uma pessoa tão hábil a ponto de a transformar em vítima. Pelo menos até agora nunca ninguém se tinha vangloriado de ter conseguido embargar um homem duma escola tão completa, como a dos escravos da Boa Hora.

Feminismo

O movimento feminista que, em alguns países estrangeiros, tanto êxito vem alcançando, abrindo à mulher novos horizontes e reivindicando para ela legítimas liberdades, também teve, felizmente, repercussão em Portugal. O acontecimento que duma maneira, involuntária, marcou a existência e boa orientação dum movimento em prol da libertação da mulher no nosso país, foi o I Congresso Feminista e de Educação, realizado em 1924. O dr. sr. Arnaldo Brazão, conhecido e estimado pelos leitores do Suplemento de A Batalha, acaba de publicar um volume interessantíssimo, profusamente ilustrado, relatório dos trabalhos da magna reunião, que intitulou O I Congresso Feminista e de Educação. Para este livro, por todos os títulos notável, chamamos com natural empenho a atenção dos nossos leitores e, especialmente, das nossas leitoras. O volume é das Edições Spartacus.

Sintomático

O Diário de Lisboa entrevistou um anônimo tripulante do vapor "Guiné" que velou há poucos dias da Guiné onde se encontram alguns deportados. Algumas afirmações do entrevistado contradizem as informações que possuímos. São, principalmente, fantasias aquelas que se referem ao bem estar de que disfrutam esses homens feridos pelo arbítrio. Entretanto destacamos esta parte da entrevista que é sintomática:

—Qual o aspecto moral dos deportados?

—Não é tão mau como se diz. Segundo ouvi contar a alguns oficiais, eles portam-se tão bem que têm conseguido captar uma enorme simpatia entre as pessoas que lidam com eles. A um oficial ouvi eu dizer, em conversa com outro: "Lá na metrópole têm medo de os julgar e querem que a gente arme cá em carrascos!"

O cabo submarino Itália-América

ROMA, 13.—Com a assistência de Mussolini e dos representantes da Espanha e das repúblicas sul-americanas foi hoje inaugurado o cabo submarino que liga a Itália com a América do Sul. com escala por Espanha.

CARTA DO PORTO

Os "súcios" da Casa do Povo invocam o seu "alcorão" para impedir o comício de protesto contra o assalto da polícia à sede da C. G. T.

Os comentários acerca do incidente ocorrido na Casa do Povo ainda não cessaram. Avolumaram-se, até, um pouco, a propósito da *Conveniente explicação* que a dita Casa do Povo publicou nos jornais de domingo.

Segundo a nota oficiosa tornada pública pela C. P., esta instituição comercial-industrialista tem razão.

Não faz sentido que organismos operários se queiram aproveitar de um edifício de exploração mercantilista para efectuar reuniões contra a burguesia, contra o Estado, contra a polícia que assaltou a C. G. T. e a *Batalha*.

A *Batalha* não faz propaganda do acto eleitoral, a C. G. T. persiste em não envolver-se politicamente seguido pelo «direcção» da C. G. T.

Sendo assim, o Sindicato Unico Metalúrgico, infeliz inquilino da C. do P., nada tinha de, de comum acordo com a U. S. O., realizar um comício de protesto contra a polícia de Lisboa numa sala em que paga de aluguer algumas dezenas de escudos.

Se analisarmos, contudo, o n.º 4.º da *Conveniente explicação* que a C. do P. publicou, chegamos ao convencimento de que toda a questão girou à volta do dinheiro. Ou a Casa do Povo não fosse uma empresa comercial, industrial, prestamista e... senão.

Senão vejamos:

4.º — Que bem sabe também a mesma (o S. U. Metalúrgico) que existe uma tabela de preços de aluguer do salão, porquanto ali se têm realizado reuniões, com a aquiescência dos metalúrgicos, tendo pago a quantia que se lhes há fixado...

Quer dizer: o Sindicato Metalúrgico paga o salão, mas isso não quer dizer que a C. do P. não tenha todo o direito de traficar com ele.

O Sindicato Metalúrgico é que não pode, dentro dum salão que paga, meter quem quiser para, de comum acordo (e estava neste caso o comício de sexta-feira), efectuar um acto qualquer que não desonre a organização operária nem a própria C. do P.

E tanto isto é assim, que o n.º 2.º da *Conveniente explicação* ressa:

2.º — Que o regulamento interno que é conhecido de ambas as partes diz no seu n.º 8.º:

«Sem prévia autorização da direcção (da C. do P.) não poderão reunir-se no edifício da Casa do Povo colectividades que dentro dela não tenham instaladas as suas sedes».

Como a Casa do Povo, é o senhorio mais extravagante que conhecemos.

Imaginemos que incentivo não constitui isto: Amanhã um outro senhorio «particular» e não socialista lembra-se de nos exigir ao alugar uma casa: «Vocês pagam X de aluguer. Contudo, fica expressamente proibido de reunir, sem minha autorização, qualquer pessoa ou pessoas dentro da sala que lhe alugou... a não ser mediante uma indemnização que lhe estipulamos».

Por esta teoria, verdadeiramente inédita, nem mesmo qualquer pessoa de família podia lá entrar...

E o caso... da C. do Povo. O Sindicato U. Metalúrgico tem o dever de pagar a renda, mas nada de, sem prévia autorização e mediante o pagamento da quantia que lhe for fixada, meter dentro do seu salão alugado do 2.º andar, pessoas da família sindical — o operariado organizado de outras classes que, mesmo a convite do próprio S. U. M., queira lá ir protestar contra uma monstruosidade policial...

E preciso, porém, que se saiba que um regulamento, ou por outra: um contrato de arrendamento tão vexatório não foi exigido à Assembleia Comercial, que está instalada no salão do 1.º andar da C. do P., que a Assembleia Comercial é coisa mais rica, mais «chica» e não ajudou, como o Sindicato Unico Metalúrgico, a construir o edifício, contribuindo com os seus mil e tantos escudos. A Assembleia Comercial não é uma colectividade sindicalista, mas uma instituição de pagode, de divertimento...

No n.º 3.º da *Conveniente explicação* lê-se também: «... a Associação Metalúrgica sabe bem (tem medo de chamar Sindicato), também por disposições do dito regulamento e por lembrança da C. do P., em officio de 22 de Dezembro de 1924, que, mesmo para as suas reuniões, tem de participar na secretaria da C. do P. com antecedência, para evitar que mais duma colectividade se juntem inesperadamente a reunir no mesmo dia e à mesma hora».

Na sexta-feira finda não havia semelhança coincidência. O que havia era um comício de protesto contra a polícia de Lisboa por ter, bestialmente, feito um assalto à C. G. T. — comício, aliás, convocado pelo S. U. M. e U. S. O. de estreita harmonia, de colaboração solidária.

Coincidência de no mesmo dia e à mesma hora quasi se reuniram duas colectividades inesperadamente, deu-se há tempos, quando as forças vivas preparavam um movimento reaccionário.

Quando os metalúrgicos pretendiam reunir no salão que pagam, ele estava ocupado por uma assembleia de comerciantes da especialidade de cal e drogas inerentes — os quais tiveram de evacuar a sala e reunir noutra parte do edifício, para a «inquilina» poder realizar a sua sessão...

Para isto não olham os socialistas da C. do P.

Não importa que eles diminuam ao número de manifestantes, passando-o de 500 para 50. O que é engraçado, é que eles falem de «abusos», cometendo o abuso de tirar, sem licença, a mobilidade da presidência das assembleias dos metalúrgicos para si próprios que eles lá entendem...

Oh! os empresários da Casa do Povo...

C. V. S.

Os auto-taxis

Duma conferência havida ontem entre a direcção da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs e os srs. director geral e chefe da Exploração dos Caminhos de Ferro Portugueses ficou estabelecido que, na entrada superior da estação do Rossio, estacionem auto-taxis daquela Cooperativa a fim de servirem os passageiros de todos os comboios que cheguem àquela estação. Ficou também assente que, logo que cheguem os 19 novos «taxis», que já vêm a caminho, seja estabelecido um serviço combinado entre as duas entidades.

O problema da emigração resolve-se melhorando as condições de trabalho em Portugal

A emigração de trabalhadores portugueses para o estrangeiro, principalmente para o Brasil, é um velho problema que nunca mereceu dos governantes a atenção requerida.

Hoje está mais agravado do que nunca. O *Diário da Tarde* de ontem lançava o alarme e tinha razão. Actualmente, devido à crise de trabalho que não encontrou ainda nos poderes públicos a menor parcela de atenção, o problema da emigração assumiu aspectos pavorosos. Só não foge de Portugal quem já não possui um celti que lhe garanta a passagem para a América.

As péssimas condições de vida do trabalhador neste país são a causa primordial desta demora a que os governos assistem sem remorsos e de braços cruzados. A falta de trabalho e, presentemente, a tentativa de baixa de salários que a burguesia capitalista pretende levar a efeito, obrigam o operário a abandonar esta terra ingrata.

O *Diário da Tarde* lamentando que a corrente emigratória se dirigisse para o Brasil, alvitra o seu desvio para Angola. Mas, aquele vespertino bem o sabe, se no Brasil as dificuldades de vida são muitas, em Angola são mais e piores. Oferece-se Angola vantagens positivas e o emigrante saberia procurar-lhe para empregar a sua actividade. Mas não, Angola, a pesar dos seus altos comissários e dos réclamos pagos nos jornais, é uma ratoeira tanto ou mais perigosa do que a do Brasil, onde as perturbações políticas têm tornado a vida insuportável.

Mas só a resolução do problema da crise de trabalho e a modificação do estúpido critério que pretende a baixa de salários podem evitar a emigração. É uma banalidade, mas urge repeti-la: é preciso fixar o camponês na terra que tanto necessita de cultura.

Nas cidades as indústrias são atrasadas nos processos, rotineiras e incapazes de suportar a concorrência do estrangeiro. As escolas industriais são poucas e más; a assistência à infância, a protecção à mulher — *blagues*.

Como há-de o operário conservar-se num país onde as iniciativas não encontram acolhimento e onde o povo vive em piores condições do que os suínos?

Núcleo de Defesa Sindicalista dos Empregados no Comércio

Reúne hoje este Núcleo, pelas 21 horas, no local do costume, para assunto inadiável.

INSTRUÇÃO

Associação de Classe dos Caixaeiros de Lisboa

Na sede desta Associação estão abertas as matrículas para o Curso Elemental do Comércio e para Instrução Primária.

Não devem os empregados no comércio, aqueles que necessitem, deixar de se matricular, preparando-se assim para bem desempenhar a sua profissão. A Direcção e a Comissão de Instrução, atendem os interessados, todos os dias úteis das 21 às 23 horas.

O Instituto Feminino de Educação e Trabalho inaugura o novo ano lectivo com uma sessão solene, que se realizará pelas 15 horas, com a assistência do chefe de Estado e ministro da guerra. Igualmente se efectuará no Instituto dos Pupilos do Exército, no próximo sábado, também pelas 15 horas e com a mesma assistência.

A folha oficial de hoje deve publicar a lista da distribuição das escolas moveis que devem funcionar no actual ano lectivo: com a nomeação dos respectivos professores.

Os dirigentes da Federação Marítima

Um protesto

A Associação dos Maquinistas Fluviais, ontem reunida em assembleia, protestou contra o facto de Francisco Luís Veríssimo continuar como seu delegado dentro da Federação Marítima e dar entrevistas ao órgão das «forças vivas» depois da sua classe lhe ter retirado toda a confiança e se ter desferido por esse pseudo-organismo não ser o expoente da vontade das classes marítimas.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Nas classes do mobiliário

E' amanhã que se realiza a grande assembleia magna de todos os operários do mobiliário para apreciar a ameaça da baixa de salários e resolver a forma de a impedir. O sindicato faz hoje distribuir um vibrante manifesto, convidando a classe a comparecer na sua máxima força.

Operários da Construção Civil

Uma comissão composta de delegados do S. U. da Construção Civil, Federação e Bolsa de Trabalho entrevistaram ontem o sr. Mira Feio, secretário geral do Ministério do Trabalho, sobre a reabertura dos trabalhos das Encomendas Postais e Maternidade, dizendo que sobre o primeiro trabalho já se tinha nomeado uma comissão para rever o projecto da obra, assim como se ia nomear uma comissão autónoma para que assim que a primeira tenha o projecto revisado ela possa dar logo andamento aos trabalhos.

Sobre as obras da Maternidade disse que o ministro já tinha chamado ao Ministério o dr. sr. Monjardino, mas que este se encontrava em góse de licença portanto só depois dele ocupar o seu lugar é que se poderia resolver.

Como o dr. sr. Monjardino se encontra amanhã em Lisboa, os delegados irão procurá-lo para tratar com ele do assunto.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouche — Tradução de Emílio Costa. — Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social. — Um verdadeiro Manual de Educação das crianças, que todos os pais, tutores, professores e envidos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças. — Preço 500, pelo cor. 5500. Não nas livrarias. — Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29 — Lisboa

Aos leitores de «A Batalha»

UMA BOA NOTICIA

Temos hoje a dar aos nossos leitores, amigos e camaradas uma notícia que, esperamos, será recebida por todos com satisfação e entusiasmo.

Proseguindo na sua obra de propaganda e de cultura operária, foi resolvido que a *Batalha* iniciasse imediatamente a publicação de um almanaque social e operário.

Devido a essa resolução, podemos «anunciar hoje o aparecimento para breve do *Almanaque de «A Batalha» para 1926*».

Este género de publicação é um bom elemento de propaganda. Dêle se têm servido o comércio, os partidos políticos e, lá fora, o operariado.

Dos almanagues revolucionários podemos de memória citar: *Sempre!* do nosso colega italiano *Guerra di Classe*; *Almanaque de Terra y Libertad*, coligido por Anselmo Lourenço; *Almanack du Travailleur*, edição de *La Voix du Peuple*; *Almanach de la Revolution*, coligido por Paul Delaselle; *Almanacco della Rivoluzione*, editado pelo grupo *La Propaganda* composto por camaradas italianos residentes em São Paulo (Brasil).

Dos almanagues de propaganda política ou social editados em Portugal lembramos neste momento dos seguintes: *Calendário do Livro Pensamento*, da Associação do Registo Civil (1909); *Almanaque do Jornal «O Mundo»*, nos tempos da monarquia, 1909; *Almanaque Social*, editado por Pedro Muralha (1901); *Almanaque Socialista* (1897); *Almanaque Cosmopolita* (1900) editado por António Evaristo e *Almanaque de «A Aurora»*, do Porto. Dos almanagues portugueses de carácter operário e social, este último, o da *Aurora*, foi o que mais completo e brilhantemente se apresentou. Publicou-se porém, só no ano de 1913.

De então para cá nenhuma tentativa desse género surgiu. Toma-a agora *A Batalha* e em condições que, a não faltar-lhe o favor do operariado lutador, permitir-lhe-hão vida longa e uma apresentação que excederá o melhor que no género tem aparecido entre nós e até mesmo no estrangeiro.

Não é lícito exigir que o *Almanaque de «A Batalha» para 1926* se apresente completo e perfeito. Além de ser o 1.º ano da sua publicação, o camarada que o vai coligir — ou melhor, que o está coligindo — dispõe de um mês apenas para a sua coordenação. A pesar desta circunstância, estamos certos que o *Almanaque de «A Batalha» para 1926* satisfará plenamente quer pela sua apresentação gráfica, quer pelo interesse e utilidade da sua colaboração.

Apressando-nos a dar a notícia do próximo aparecimento do *Almanaque de «A Batalha»* pretendemos avisar os leitores para que se abstenham da compra de qualquer outro almanaque, pois o de *A Batalha*, posto à venda em Dezembro, substitui plenamente, e com vantagem para os operários e os sindicatos, qualquer outra publicação do mesmo género.

Liga pró-moral

São avisados todos os sócios que realizando-se a festa no próximo mês de Dezembro se aceitam requerimentos até 31 de Outubro, indicando crianças pobres para serem vestidas, que não deverão ter menos de 4 anos nem mais de 9.

Os requerimentos são feitos em papel almaço, junto última cota e entregues na Calçada da Graça, 12, 1.º.

Pró-«Construtor»

Realiza-se em Tires uma festa

E' no próximo sábado, 17, que se realiza na sede do Grupo Musical e Dramático «Solidariedade Operária» a festa em auxílio de *O Construtor*, na qual tomará parte o Grupo Dramático 8 de Abril, de Belém, levando à scena o sensacional drama social «O consciente», segundo-se cantos sociais por distintos cultivadores da Canção Nacional.

Abrihanta esta festa o Grupo Musical desta localidade, que executará escolhidas peças do seu repertório sob a regência do sr. Alvaro dos Santos.

Em virtude do grande entusiasmo que reina entre a classe operária de Tires é de esperar que a sala de espectáculos se encha completamente, podendo os poucos bilhetes que ainda restam ser procurados na sede do Sindicato ou nos cobradores.

UM GRANDE DESASTRE

NEW YORK, 13. — Em consequência dum grande desastre sucedido por ocasião duma corrida de automóveis ficaram mortas vinte pessoas e feridas sessenta.

A guerra de Marrocos

As chuvas impedem as operações

FEZ, 13. — As chuvas torrenciais estão impedindo o prosseguimento das operações militares.

Continuam as submissões de tribus inteiras.

Centenário da Escola Cirúrgica

No Salão Nobre do Hospital de São José, realiza-se amanhã pelas 21,30 horas uma sessão e inauguração de uma lápide comemorativa do centenário da Escola Régia Cirúrgica, para o que foram convidados a assistir os clínicos dos hospitais e mais entidades superiores.

Os horrores da repressão fascista em Itália

Os jornais italianos chegados a semana passada, relatam-nos as espantosas atrocidades cometidas pelos fascistas em Itália, estes últimos dias.

No entanto, ao vermos as notícias dos correspondentes ingleses e franceses nos jornais da sua nacionalidade, notamos que a imprensa italiana não relata nem a quarta parte dos factos que se têm produzido na península itálica.

Submetidos a uma férrea censura, assaltados continuamente e ainda no dia 8 dois foram sequestrados — os jornais de Itália não ousam revelar com todos os detalhes a trágica situação em que se encontra o seu país.

E' pois a outras fontes de informação que é necessário dirigirmo-nos para esboçar um quadro aproximado dos excessos que desonram a Itália.

Foi em todos os bairros de Florença, que a devastação se exerceu sábado passado e é impossível enumerar todos os estabelecimentos que foram assaltados, bem como o número de feridos existentes.

Mesmo no centro da cidade, foram assaltados a maior parte dos armazéns da Via Cerretani e uma enorme quantidade de mercadorias foram roubadas pelos fascistas.

Não longe dali, um armazém de ambar e um outro de sedarias, uma sapataria e mais de trinta casas foram completamente saqueadas.

Os camisas negras atacaram sobretudo os cartórios dos advogados que eles supunham francos maçons ou membros da oposição.

Os escritórios dos advogados liberais, Corazzini e Campodonico e bem assim os dos dois democratas Citi e Bosi ficaram completamente destruídos.

No número das numerosas habitações particulares que foram invadidas pelos bandos armados, notamos as do dr. Rozzi, de Targetti, advogado conhecido e deputado socialista, a de Baldesi, deputado e membro da C. G. T. italiana.

Quando os fascistas penetraram no domicílio deste último, a sua mulher e os seus filhos encontravam-se sós. No entanto os fascistas destruíram tudo antes de se retirarem.

Os camisas negras, segundo dizem os jornais ingleses, forçaram o pessoal dos teatros a suspender a representação.

Na cidade de Perugia, como alguns ingleses protestassem, também foram agredidos.

Um subsídio da Inglaterra para esmagar o movimento grevista chinês

O bureau de informações chinesas de Londres enviou uma carta ao Conselho Geral das «Trade Unions» e ao político trabalhista Arthur Henderson, acerca da dívida de três milhões de libras feita pelo governo inglês às autoridades de Hong-Kong.

«Não foi declarado — diz essa carta — o fim a que é destinado este dinheiro. Presume-se que é para ser, principalmente, utilizado em sustentar o crédito dos capitalistas ingleses, que estão sofrendo com as greves e os boicotes na China. Pode, porisso, ser considerado como um subsídio para furar greves».

Ao mesmo tempo notícias de confiança têm sido recebidas de grandes movimentos de tropas da Índia para Hong-Kong. Se o operariado inglês se opôr a que o imperialismo use dinheiro e armas contra operários estrangeiros, cujos baixos salários se reflectirão nos ddes, então o movimento operário das «Trade Unions» deve protestar contra esta atitude agressiva do capitalismo inglês.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Previne-se todos os associados que se encontram inscritos para efeito de colocação de que devem comparecer amanhã, pelas 12 horas, a uma chamada que se vai proceder e de que aqueles que não comparecerem serão riscados das respectivas listas.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Mudança de sede

A Associação de Classe do Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa participa por este meio a todas as associações de classe do país e do estrangeiro que mudou a sua sede social para a rua de São Paulo, 216, 2.º andar, para onde pode ser dirigida toda a correspondência.

Mais uma arbitrariedade

Conforme estava anunciada, devia realizar-se ontem, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º, uma sessão comemorativa do assassinato do grande pedagogo livre Francisco Ferrer e Guardia, vítima da reacção que ain da hoje impera em Espanha. Quando esta ia ter início foi comunicado por agentes da autoridade que a sessão não podia ser efectuada, por determinação superior. Seria a pedido do sr. Padilla?

Não sabemos, mas... soma e seg. ue.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

TIVOLI

TEL. N. 3471

ÀS 8 3/4 h.

A AVÓ

Comédia dramática em 7 partes com Berthe Jalabert, Genoveva Feix, Constant Remy e Sylvio de Pedrelli

HAROLD, NETO AMIMADO

Comédia em cinco partes, com HAROLD LLOYD

Uma cine revista

A'manhã: «Matinée» às 3 horas

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

A Companhia Lucília Simões que reaparece em São Carlos, a 23 do corrente, conta, no seu elenco, com os seguintes elementos artísticos: Actrizes, Lucinda Simões, Lucília Simões, Amélia Pereira, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Isidro, Maria Lagôa, Maria Leite e Noémia Pinto. Actores: Erico Braga, Samuel Diniz, Joaquim Almada, Mario Santos, Seixas Pereira, José Monteiro, Augusto Conde, Pestana d'Amarim e Rebelo de Almeida.

Réclames

—Está sendo aguardada com a maior curiosidade, a abertura do novo Ginásio, que afirmam quantos lá visitaram, ficar uma casa de espectáculos verdadeiramente modelar, com comodidades para o público, como nenhuma outra reúne. Na galeria que dá acesso ao edifício, pela rua do Mundo, para entrada do café-restaurant, que fica independente do teatro, serão instalados varios estabelecimentos de diversos generos, que poderão ser utilizados pelo publico em geral.

—Cada noite que passa quanto mais se acentua o êxito enorme que está obtendo no Apolo a esplêndida companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, com a representação do célebre drama de António Enes, «O Saltimbanco», destinado a constituir um dos maiores êxitos da temporada que agora se inicia. E' que «O Saltimbanco», sobre se uma peça do agrado unanime do publico, é igualmente uma das maiores glórias do grande actor José Alves da Cunha que, ao lado da ilustre actriz Berta de Bivar, tem nela um prodigioso e formidável trabalho artistico confirmando os seus créditos de artista de grande lance e do teatro violento e forte. «O Saltimbanco» repete-se hoje.

—Mantém-se com um grande sucesso a grande companhia de circo que no Coliseu dos Recreios está executando todas as noites um formidável programa em que entram todas as celebridades da companhia, que apresentam os mais surpreendentes e sensacionais trabalhos. Mr. Ribas, o célebre campeão de bilhar, é sempre aplaudidissimo pelo seu extraordinário e inegável trabalho. Nunca ninguém fez no bilhar o que o notável professor faz. Miss Quiney continúa a ser admiradissima pelo seu magnifico salto, o mesmo succedendo a mr. Francesco, com o seu arrojado e perigoso salto mortal em automóvel.

A'manhã realiza-se uma grandiosa matinee elegante, estando desde hoje os bilhetes à venda.

Contra o assalto à C. G. T.

O protesto do operariado de Fanhões

Comunica-nos o nosso correspondente de Fanhões que o operariado daquela localidade aprovou um enérgico protesto contra o assalto à C. G. T., levado a efeito pela policia.

—Em reunião de direcção da Associação de Classe de Empregados de Escritório efectuada em 9 do corrente foi resolvido apresentar à C. G. T. saudações e protestos de estreita solidariedade em face do assalto de que foram victimas alguns organismos operários por parte da policia.

Um grupo de trabalhadores rurais de Cabeção enviou-nos uma carta protestando contra o assalto cometido nos organismos operários instalados na sede da C. G. T.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa dos Canteiros. — Reúne-se hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, para tratar de assuntos de resolução imediata.

QUEDAS

Na Sala de Observações do Banco do hospital de São José, onde ficou sob prisão, deu entrada Americo Teles, de 22 anos, natural de Lisboa, marinheiro da Armada, morador na calçada de São Vicente, 35, 2.º, que, depois de uma questão com a família, caiu ou se precipitou da janela da residência à rua, ficando contuso pelo corpo e ferido no rosto.

—Num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao hospital de São José, onde recebeu a Sala de Observações, em estado grave, Francisco Lobo, de 58 anos, natural e residente na Alameda (Alquer) o qual caiu de um carro de bois espantado no baixo ventre um dos fúrieiros do mesmo carro.

COLHIDO POR UM FARDO

Na Sala de Observações faleceu ontem de madrugada, aquele individuo cuja identidade se desconhece e que é tripulante do vapor «Infante Sagres» e que, a bordo do mesmo vapor, foi colhido por um fardo de trapos ficando com o crâneo fracturado.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Oropisa» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires e toda a linha do Pacifico.

Da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências efectua-se às 11 horas e para as registadas recebe-se até às 9 horas.

Um caso comovedor

Uma criança pobre, orfã de pai e mãe, deseja estudar e não tem recursos. E' um caso comovedor ao qual talvez os nossos leitores possam dar momentaneo remedio. Os livros que lhe faltam são os seguintes: «Corografia», de Figueirinhas; «Ciências Histórico-Naturais», de A. Vasconcelos; «História de Portugal», de Jaime Segueir; «Aritmética» de 4.º e 5.º classes, de Figueirinha, e «Educação Cívica», 3.º, 4.º e 5.º classes, também do mesmo autor. E' possível, sem grande esforço, algum dos nossos leitores possa ceder a essa criança, que mostra boa vontade em aprender, os livros que atraz mencionamos.

DESPORTOS

Liga de Futebol e Desportos Atléticos

A Comissão Administrativa deste organismo comunica que está aberta a inscrição dos clubes que queiram concorrer às provas de futebol organizadas anualmente, podendo inscreverem-se até ao dia 20 do corrente mês no Largo da Boa-Hora, 10 loja

Sporting União Portugal

Está aberta a inscrição de sócios que queiram representar este club no campeonato da Liga de Futebol e Desportos Atléticos, podendo fazê-lo até 19 deste mês.

FUTEBOL

Os primeiros jogos do campeonato têm lugar no domingo

Segundo as novas disposições regulamentares adoptadas pela Associação de Futebol, começam no próximo domingo os primeiros encontros para a disputa do campeonato de Lisboa, encontrando-se no mesmo dia os oito clubes da divisão de honra, nas quatro categorias, em campos diferentes.

Pelos resultados do sorteio, levado a efeito na segunda feira, o calendario para domingo ficou constituído como segue:

A PROPÓSITO DOS HOSPITAIS

O auxílio prestado pelo Estado aos hospitais do país tem sido simplesmente negativo

«Quem quer auxiliar a actual situação dos Hospitais? Com este título vinha a 8.ª página do *Diário de Lisboa* de sexta-feira p. p. a notícia de que eminentes clínicos, cheios de boa vontade, procuravam conseguir melhorar a desoladora situação dos hospitais.

Essa situação é, a meu ver, não só desoladora, mas horrorosa, terrível e... (porque não o hei de dizer?) repugnante! Todos os adjectivos que a língua portuguesa me permitia aplicar-lhe, não serão suficientes.

Diz o *Diário de Lisboa* que o governo já muito tem feito sentir o seu auxílio!

Não me move qualquer intenção de to-lher os passos aqueles que procuram beneficiar os serviços dos nossos hospitais. Longe de mim tal ideia.

Mas a afirmação de que o auxílio do Estado «já muito se tem feito sentir» dar-me-ia vontade de rir, se não me desse náuseas.

Poucas palavras e vamos a provas. Só um exemplo, para provar aos leitores de *A Batalha* o que tem sido o «benemérito» auxílio do Estado!

A Misericórdia do Porto, como todos sabem, é o modelo-base das Misericórdias portuguesas e brasileiras. Em tempos a sua organização era tão completa que vivia desafogadamente, enriquecendo-se dia a dia.

Um dia um governo, um desses governos «inteligentes» e «honestos» que têm passado pelo poleiro, determinou que as Misericórdias não podiam possuir propriedades rústicas, nem urbanas e que, pelo contrário, teriam que as vender e empregar o produto da venda em papéis do Estado.

«Claro» — bem claro mesmo — a custódia honestidade! Claro receita — impingir papel — receber dinheiro!

Forçadas, as Misericórdias assim tiveram que fazer. Receberam papel... e agora, quando os deserdados desta sociedade moribunda podiam e deviam gosar o relativo bem estar que os dons e a iniciativa particular lhes prodigalizavam, não podem ser recebidos por falta de fundos.

Conheci um desgraçado sem família, sem recursos, doente, que desejava entrar para o hospital. Não o quiseram receber!

A doença embora não fosse de morte, tornou-se crónica. Daí adveio a incapacidade para o trabalho. Como consequência a mendicância.

Um mendigo não pode sê-lo por lei!

Mas um dia organizaram-se uns festejos de luxo porque chegava um Dom qualquer coisa dum desses governos que nos andam explorando. Gastam-se então umas compridas centenas de foguetes, foguetinhos e foguetões, músicas, palhaçadas vergonhosas e o mendigo, a quem a lei proíbe a existência, é preso imediatamente com outros e levado para o asilo. Oito dias mais tarde o desgraçado vê-se de novo a pedir nas ruas...

E' que o asilo foi a cadeia. Uma enxovia feita ainda pelos Filipes; e lá, nesse belo asilo, nessa casa protectora do indigente, nesse estabelecimento pelo qual o Estado «já muito tem feito sentir o seu auxílio», depois de lhe darem pelo bo-toronto, amassado com qualquer coisa pa-recida com tijolo, pilhões e uma ligeira por-cama, despediram-no muito delicadamente, porque mesmo assim a coisa saía cara.

Fez-se uma comédia durante oito dias, porque algumas personagens políticas tinham chegado à cidade e porque era necessário demonstrar que ali não havia mendicância e que o «auxílio» prestado pelo Estado para alguma coisa servia.

Soltos os presos pelo grave delito de serem aquilo que o Estado occasionou desfalcando um tesouro sagrado, é-lhes dito que não tornem a fazer outra, que aquilo

tinha sido para que eles se emendassem de... não podendo trabalhar.

E' assim que no Porto os hospitais sentem a «protecção» do governo e é assim que se passa em todo o país.

Poderia citar inúmeros exemplos de casos ocorridos nos hospitais de Lisboa.

Mas, basta!

Este teve por fim simplesmente pôr de sobre aviso aqueles que julgarem que na verdade o Estado auxilia «de maneira sensível» qualquer obra de caridade.

No entanto bem hajam aqueles que tentam modificar a tenebrosa situação dos nossos hospitais, unicamente causada pelo abandono a que os serviços têm sido votados pelos governantes.

Para eles val a minha simpatia.

Francisco Maria PALHOTO

Vai criar-se o Hospital Municipal de Oeiras

O EIRAS, 9.—Na Câmara Municipal realizou-se ontem uma importante reunião para tratar da organização, instalação e manutenção dum hospital neste concelho e na qual tomaram parte representantes de todas as colectividades daqui. Foi nomeada uma comissão que ficou composta por vereadores e delegados de várias colectividades, incluindo o Sindicato da Construção Civil. Esta comissão divide-se em sub-comissão executiva e sub-comissão por freguesia e terá a cargo a instalação do novo hospital.

É digno de louvor a obra da Câmara pelo que representa de interesse público a fundação dum hospital cuja necessidade se sentia há bastante tempo, tendo sido um dos pontos por nós apresentados quando do inquérito há tempos feito por *A Batalha* sobre os melhoramentos a fazer nas diversas localidades do país.

Pelo presidente da comissão executiva da Câmara foi dito que a Câmara concorrerá com uma verba, talvez com mil escudos, para se iniciarem os respectivos trabalhos, tendo também ficado assente que o hospital seja instalado na sede do concelho.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Aos trabalhadores lembramos o dever de auxiliar tão útil iniciativa.—C.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	1	12	19	26	Aparece às 6,45
T.	2	13	20	27	Desaparece às 13,00
Q.	3	14	21	28	
S.	4	15	22	29	
S.	5	16	23	30	
S.	6	17	24	31	

MARES DE HOJE

Praiamar às 0,48 e às 1,09
Baixamar às 6,18 e às 6,39

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
Madrid cheque	2\$84	
Paris, cheque	\$9\$	
Suiza, cheque	3\$81	
Bruxelas cheque	\$9\$	
New-York, cheque	19\$75	
Amsterdã, cheque	7\$93	
Itália, cheque	\$7\$	
Brasil, cheque	2\$95	
Praga, cheque	\$5\$	
Suécia, cheque	5\$30	
Austria, cheque	2\$80	
Berlim, cheque	4\$70	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Pollença—A's 21,30—O Leão da Estrela.
Tipito—A's 21,30—O Salimbanco
Maria Vitória—A's 20,30 e 23,30—«Rataplan»
Coliseu—A's 21—Companhia de circo.
Salão 303—Animatógrafo e Variedades.
Juvenia—A's 21,30—«Imã» e «A Cidade»
El Vicente (a Graça)—A's 20—Animatógrafo.
França Parque—Lódas asnoites—Concertos e di-verões.

CINEMAS

Olimpia—Chado Terrace—Salão Central—Cinema
Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade P.º
Motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-perança—Chantecier—Tivoli—Tortoise.

PEDRAS PARA ISOQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as peças, lâmpadas, vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 50 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata e a casa que fornece em melhores condições.

LIMAS NACIONAIS

So a grande feita de propagandas tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são de melhor qualidade e preço.

MARCA REGISTRADA. Uniao Tomo Feteira, Ltd., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo!

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 11 (Rua do Amparo)

Residência: Rua Nova e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

Comissão de Beneficência da Freguesia de Santa Catarina

SEDE no extinto Convento dos Paulistas
MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

AVISO

Convoca a assembleia geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1922 e 1923.

1.ª Convocação no dia 18 de Outubro às 13 horas.

2.ª Convocação no dia 25 de Outubro às 13 horas.

Lisboa 17 de Outubro de 1923.—O Presidente, (s) Henrique Afonso Pires.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$500.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha*.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gatoso, Articular, Artrítico, Muscular

«Reumatina»

24 horas depois não tem mais dores

«Reumatina»

E' infeccioso porque não exige dieta

Preço \$500 —

«Reumatina»

Vende-se em todas as boas

— farmácias e drogarias —

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bom Jardim, 440—PORTO

AOS MARCENEIROS

BAIXA DE PREÇOS

Vendas a dinheiro

Nogueira seca, serrada em 25-35-1.800\$00 m. 3

Castanho seco, serrado, em 25-35-1.300\$00 m. 3

Freixo seco, serrado em 25-35-1.000\$00 m. 3

Cedro — 25-35-700\$00 m. 3

Amieiro — 25-35-700\$00 m. 3

Uirapuru — 25-35-700\$00 m. 3

Taboal — 25-35-700\$00 m. 3

Ilha, desde 25-35-800\$00 m. 3

Guarnição garça e 2 filetes, desde 1.200 m.

Guarnição seco e grade, desde 1.200 m.

Cinzeiros de ferro, guarda-pratas, desde 300 m.

Balaustradas q. 4-5-6-7-8-9, desde 300 m.

Maçanetas q. 1-2-3, desde 1.200 m.

Pés de amieiro q. 5-10-12-15, desde 1.200 m.

Colunas nogueira para guarda-pratas, desde 1.200 m.

Colunas amieiro para guarda-pratas, desde 1.200 m.

Talha completa para guarda-pratas e aparador, desde 1.200 m.

Talha completa para «toilettes» 2 hastas (ornato), desde 300 m.

68—Campo dos Mártires da Pátria—68

J. FERREIRA

Companhia Nacional de Navegação

Saídas em Novembro

Dia 1, para Funchal e portos da África Ocidental e oriental, o paquete

LOURENÇO MARQUES

Dia 15, para Funchal e portos da África Ocidental, o paquete

AFRICA

Saídas em Dezembro

Dia 1, para Funchal e portos da África Ocidental e Oriental, o paquete

ANGOLA

Dia 15, para Funchal e portos da África Ocidental, o paquete

PEDRO GOMES

Saídas em Janeiro de 1926

Dia 1, para o Funchal e portos da África Ocidental e Oriental, o paquete

MOÇAMBIQUE

Dia 15, para o Funchal e portos da África Ocidental, o vapor

CUBANGO

Saídas em Fevereiro

Dia 1, para o Funchal e portos da África Ocidental e Oriental, o paquete

LOURENÇO MARQUES

Dia 15, para o Funchal e portos da África Ocidental, o paquete

AFRICA

AVISO IMPORTANTE: São avisados os srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ao costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA, na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO, na sua Sucursal, rua da Nova Alfandega, 34.

Livreria de A BATALHA

Obras de literatura, ciência e ensino

Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00
Alexandre Hercolano.....	
O monge de Cister (2 vols. enc.)	29\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes).	20\$00
Cartas (2 volumes).....	20\$00
Adolfo Lima.....	
Contracto do Trabalho.....	20\$00
Educação e ensino.....	5\$00
Aquilino Ribeiro.....	
Anatole France.....	3\$00
Estrada de São Tiago.....	10\$00
Jardim das Tormentas.....	10\$00
Via Sinuosa.....	10\$00
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados).....	10\$00
Bento Faria.—Missas novas (teatro em verso).....	1\$00
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....	5\$00
Charles Darwin.—Origem das espécies.....	14\$00
Campes Lima.....	
O Estado e a evolução do Direito	12\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência.....	12\$00
Duarte Lopes.....	
Frei Sanguê.....	5\$00
Eça de Queiroz.....	
O crime do Padre Amaro.....	18\$00
O Primo Basílio.....	16\$00
O Mandarim.....	8\$00
Osmar (2 vols.).....	22\$00
A Religião.....	15\$00
A Cidade e as Serras.....	12\$00
Frade Mendes.....	9\$00
Casas Ramires.....	15\$00
Prosa Barbaras.....	9\$00
Ecce de Paris.....	9\$00
Cartas Familiares.....	9\$00
Cartas d. Inglaterra.....	9\$00
Minas de Salomão.....	9\$00
Notas Contemporaneas.....	15\$00
Ultimas páginas.....	15\$00
Ernesto Haeckel.....	
História da Criação.....	20\$00
Origem do Homem.....	4\$50
Os enigmas do universo.....	14\$00
Monismo.....	3\$50
Religião e evolução.....	4\$00
Faguet.....	
Iniciação filosófica.....	5\$00
Iniciação literária.....	10\$00
Faria de Vasconcelos.....	
Problemas escolares.....	5\$00
Por terras de além mar.....	5\$00
Ferreira de Castro—Sangue Negro.	2\$50
F. Castro e E. Frias.—A Boca da Estingue.....	8\$00
Flamarion.....	
Iniciação astronómica.....	5\$00
Contos de luar.....	5\$00
Como acabará o mundo?.....	6\$50
Os habitantes dos outros mundos	3\$50
Felix de Dantes.—As influências ancestrais.....	10\$00
Atismo.....	6\$00
Filho de Almeida.....	
Lisboa Galante.....	10\$00
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00
Contos.....	9\$00
A Esquina.....	9\$00
Aves Migradoras.....	9\$00
Barbear, Pentear.....	9\$00
Cidade do Vício.....	9\$00
Pasquinhador.....	10\$00
País das Uvas.....	9\$00
Silbam quantos.....	9\$50
Vida írica.....	9\$00
Guerra Junqueiro.....	
A morte de D. João.....	10\$00
Musa em férias.....	9\$00
Os Simples.....	7\$00
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....	13\$00
Brochada.....	9\$00
Godinho.....	
Os Degenerados.....	5\$00
Os vagabundos.....	5\$00
Na Prisão.....	2\$50
Jaime Cortezão.—Adão e Eva (teatro).....	5\$00
Jorge Teixeira.—Gatunos de Lusa Branca (A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Juliano Quintinha.....	
Vinhos do Mar.....	8\$00



Os ferroviários do Sul e Sueste, numa importante assembleia, apreciam o descarrilamento de Aljostrel

BARREIRO, 11. — (Conclusão). — Tudo isso ficou reduzido a farrapos. Nada descobriu esse ridículo agente, que tanto espanto causou nas colunas de *Diário de Notícias*. O que mereceria esse homem ferroviário, que com tanta tenacidade organizou o processo que temos em nosso poder? Esse processo, que entre nós não tem o carácter individual, foi entregue à classe pelos seus organizadores, pertencendo, por isso, à colectividade, sem que os «detectives» amadores queiram benesses.

Os ferroviários nenhuma responsabilidade têm no descarrilamento, como alguém estúpida e veladamente quis fazer crer.

Se as autoridades neste momento quiserem chamar a si a descoberta, nós temos que chamar o inedito para nós. As autoridades em todos os países são constituídas por indivíduos que, como nós, necessitam de viver. Esses homens recebem, como nós, os seus honorários.

E' necessário por isso uma grande força de vontade de vencer esta questão, de a levar afim, porque os entraves são muitos, indol, talvez, até a demissão dos que se arrostarem, dado as individualidades envolvidas e que a política mesquinha não perdoa o tocar-se-lhe.

A questão está neste pé: ou vai até ao fim ou o povo os declarará vendidos. Nós temos indícios fortes que podem provar as responsabilidades dos indivíduos que ali se aponta. Como se trata de potentados, já em Beja reuniram as chamadas forças económicas para declarar que os indivíduos cujos nomes foram publicados em *A Batalha* não cometeram o crime.

Está-se já a ver as forças económicas armadas em tribunal. Como as aperturas indolentes, não pode essa absolvição servir de base às autoridades. Sob uma aparência há uma máscara que nós não podemos ver. Nas altas esferas sociais sempre tem havido criminosos e muitos.

Sendo homens como quaisquer outros, estão sujeitos às mesmas doenças, às mesmas faltas e à mesma justiça. Devem, por isso, como quaisquer outros indivíduos, sem nos importarmos se os seus corralhões são altos ou baixos, de latão ou de ouro, serem presos para investigações e respectiva pronúncia. Que se prenda para investigação os ferroviários que sejam necessários, pois todos estão ao dispor das autoridades, mas que se prenda também esses cavalheiros.

O crime de Aljostrel não foi um crime comum mas sim um crime político e mantenha-se nesta atitude enquanto me não for provado o contrário. Os criminosos não pertencem só às camadas baixas também se encontram nas individualidades mais cotadas e agora estamos nesse caso.

Na França já as autoridades teriam procedido de forma diferente sem quererem saber qual a bitola social dos indivíduos, só pensando na descoberta do crime.

A polícia ali não trepida perante individualidades sejam elas quais forem. Em Portugal não sucede assim. Porque o sr. A é muito rico e o sr. B é um grande político não podem ser criminosos. A fórmula é esta: ou mandar prender os ferroviários por difamação ou apurar a verdade prendendo os delinquentes.

São as únicas conclusões a que as autoridades podem chegar.

Este crime foi cometido numa época dum acontecimento político. Foi essa atmosfera política a sua causadora. Essa época era tão favorável aos ferroviários que a imprensa conservadora como o jornal *A Época* chamava donos dos caminhos de ferro. De repente começaram as tentativas de descarrilamento.

Por duas vezes com fracções de carris, a terceira amarrando uma junta de bois aos carris e à quarta o êxito dos criminosos foi completo. O crime consumou-se e a imprensa conservadora, com Simão Laboreiro à frente, começa por apregoar que tinham sido os anarquistas ferroviários. Apesar de tudo os ferroviários não perderam a linha e começaram averiguando.

A quem convinha o descarrilamento? A todos menos aos ferroviários. Está convencido de que o descarrilamento foi feito por aqueles a quem não convinha a política de então.

Queriam, em virtude da atmosfera favorável aos ferroviários, fazer ressaltar, por meio daquele crime, o desleixo em que se encontravam os serviços para assim modificarem a opinião pública e a situação política.

O processo em poder dos ferroviários foi por deliberação do camarada organizador e outros, resolveu entregar-se à Comissão Administrativa do Sindicato. Como já disse não deveria ter ainda passado para as mãos da polícia, mas como o facto está consumado espera que as autoridades tenham a lealdade de dizer que os dados que possuem se devem aos esforços dos ferroviários.

Nós ainda pretendemos exercer a fiscalização sobre o procedimento das autoridades e estamos no nosso direito. Não indo as autoridades para a frente irão os ferroviários, porquanto elas têm a cópia e nós possuímos o original dos factos.

O agente sr. José Augusto, autorizado a usar da palavra, declara em nome do sr. director da polícia encarregado das investigações que sua Ex.ª está no propósito de ir até onde for necessário descobrindo os seus autores. Declara ainda que, sendo encarregado das primeiras investigações em Beja, após um mês do crime o Jacinto da Silva se declarou autor do descarrilamento narrando-lhe todas as minudências da sua execução.

Teve de terminar com as investigações por ordem superior, entregando o auto, do que pôde apurar até à sua retirada, na comarca de Beja. Esse auto contém prova do crime, o que não contém é a prova de vadiagem porque o Jacinto da Silva foi castigado.

Jacinto da Silva não é, quanto a si, doído como o têm querido fazer passar, disse está convencido como também está convencido de que nenhum ferroviário tomou parte no atentado.

Foi aprovada por unanimidade com um aditamento a seguinte moção de Miguel Correia:

«Considerando que na imprensa de Lisboa surgiram algumas reportagens e artigos com

o carácter de sensacionais sobre a antiga questão do descarrilamento de Aljostrel, apresentando-se ao público factos inéditos que levaram as autoridades e a opinião pública a preocuparem-se com o novo aspecto da questão;

que o que foi denunciado pela imprensa não foi o valor que momentaneamente lhe foi atribuído, porquanto em poder do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste se encontra um completo dossier organizado com o aspecto de processo, do qual constam todos os elementos que durante três anos foi possível coligir, elementos dum excepcional valor e que muita luz fazem para o início e complemento de investigações criminais que seriamente as autoridades devam e sejam capazes de levar a seu termo;

que a prioridade, na existência desses elementos, pertence unicamente à classe ferroviária do Sul e Sueste e não a qualquer polícia amador ou profissional;

que para a pública apresentação desses elementos é indispensável um trabalho aturado e persistente;

A classe ferroviária do Sul e Sueste, reunida em assembleia geral extraordinária, resolve:

1.º Confirmar as resoluções tomadas pela classe nas assembleias que tiveram lugar nos dias 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 22 de Abril do ano corrente e que constam da moção aprovada nessas assembleias e que foi distribuída a todos os jornais do país.

2.º Nomear imediatamente uma comissão de cinco membros que tome sobre si o encargo de levar a efeito todos os trabalhos a realizar sobre a questão do descarrilamento de Aljostrel, à qual o sindicato fará entrega de todos os documentos em seu poder.

3.º Dar plenos poderes a essa comissão para toda a acção que deseje realizar e que pela pessoa do secretário geral do sindicato essa comissão fique ligada à Comissão Administrativa, a quem fará as comunicações que julgar convenientes para todos os efeitos, podendo mesmo fazer pessoalmente interessar nesse trabalho o próprio secretário geral.

O aditamento do secretário geral é do seguinte teor: «Não me vibrando na alma questões como a que trata a moção Miguel Correia e não me despertando grande interesse questões de investigações policiais, proponho para que faça parte dessa comissão em meu lugar o camarada secretário administrativo.»

Foram eleitos, além do secretário administrativo António Maria da Costa, mais os seguintes: António José Piloto, Joaquim Correia de Barros, Miguel Pimenta, Manuel de Almeida Júnior e António Maurício.—C.

Munições para "A Batalha"

Com a respectiva importância recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor: Tendo sido gratificado em Ordem de Direcção do Sul e Sueste de 27 de Agosto p. p., com 25\$00, por um serviço que desempenhei, mas que em minha consciência não fiz nem faço melhor que qualquer dos meus camaradas que desempenham idêntico serviço, e como não concordo com distinções a quem quer que seja no desempenho das suas funções, envio esta importância para munições de *A Batalha*. — António da Conceição Barulho, condutor sindicado n.º 1165 do Sindicato do Sul e Sueste.

1.º Congresso Nacional dos Mutilados e Invalidos da Guerra

A comissão organizadora, em sua reunião de ontem, tomou conhecimento das adesões recebidas das diferentes partes do país e da constituição da sub-comissão de Abrantes, sob a presidência do nosso camarada inválido José Inez Gonçalves Caroco.

A comissão roga a todos os camaradas a quem pediu para organizarem sub-comissões, o favor de procederem a esses serviços com a possível brevidade.

Toda a correspondência para a travessa do Rato, 18, Santarém.

PERSEGUIÇÕES

Mais um...

Escrive-nos do calabouço 6 do Governo Civil o preso Jacinto Estrela, dizendo ser vítima dum arbitrariedade e dum acusação infame, pois que a Polícia de Segurança do Estado o imputa de fazer parte dum grupo secreto para levar à prática atentados pessoais.

Pede-nos para que desmintamos a notícia de *O Século* em que diz «ter 5 prisões, entre elas uma por lançamento de bombas».

PRÓ-PRESOS

Importâncias recebidas na administração de *A Batalha* e entregue à comissão pró-presos:

Joaquim António, 2\$00; Ernesto Magno, 2\$50; A. A., 20\$00; Elísio Faustino Duarte, 2\$50; André M. Domingues, 5\$75; Quete em Plymouth (U. S. A.), 100\$00; idem em Monte Prado, 15\$00; Concurso de cédulas em Almada, 17\$50; A. J., 20\$00; João M. Silva, 5\$00; João M. Amaral, 5\$00; C. F. J., 5\$00; César Andrade, 5\$00; Joaquim Nunes, 2\$50; H. R., 10\$00; Um pedreiro, 1\$00; João F. Cabral, 10\$00; Luís Inácio Martins, 3\$00; José Estrela, 3\$25; Quete em Setúbal, 10\$50; Francisco M. Azevedo, 4\$00; Anónimo, 3\$00; Quete em Oeiras no 1.º de Maio, 44\$25; idem em Cascais, idem, 19\$50; Manuel Martins Costa, 20\$00; Quete na Guarda, 26\$00; Manuel Gomes, 5\$00. Total, 362\$75.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada *Amor maldito*, de Federico Urteiz. Preço, \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

FUNCIONALISMO PUBLICO

O valor e o poder dos politicos ontem e hoje

A situação do funcionalismo publico português no que se refere ao direito sindical, à questão de nomenclatura e da sua admissão é hoje absolutamente a mesma do que era no reinado de D. Miguel. E' o principio de autoridade absoluta do poder executivo que continua a reger a quasi totalidade dos serviços publicos. As mudanças profundas e se não digo radicais que se têm operado na sociedade portuguesa, é porque elas têm sido alteradas e deturpadas com a vontade despótica e soberana dos senhores do mando, em nada contribuíram para modificar aquilo que apenas a título de anacronismo se pode justificar, a servidão caricata em que ainda se permanece.

O direito de sindicalização para a justa defesa dos seus interesses profissionais e o da admissão em certas e determinadas comissões que os governos por vezes engendram; o estatuto jurídico dos funcionários são assuntos que como há um século ainda não conseguiram despertar a atenção dos cérebros luminosos dos estadistas do país.

Em Portugal, país em que a política tudo absorve e tudo envenena, a colaboração do Estado com os seus agentes apenas é admissível na parte que a estes toca na recolha das receitas no mais, na colaboração de leis, decretos ou reformas, não há colaboração possível. O funcionalismo, no critério acanhado de meia dúzia de indivíduos que se julgam senhores e dominadores do Estado, não tem necessidade nem precisão de intervir se não em casos que tenham por fim fazer aquilo, que eles não sabem, e, daí, o facto de com tanta facilidade se conseguir alcançar tudo e todos até à elevada categoria de estadistas.

O funcionalismo, a pesar do seu número ser segundo as estatísticas da confederação patronal qualquer coisa para temer (120.850) não goza na maioria dos casos de nenhuma das regalias que a outros é dado disfrutar.

A sua admissão nos serviços, ainda como há séculos, é feita não segundo o valor ou a competência do indivíduo, mas sim como a força política que ele ou o seu protegido pode dispor.

A sua nomenclatura principalmente na parte que diz respeito ao chamado pessoal menor é vergonhosa, humilhante e vexatória; não há uma uniformidade de nomes nem de vencimentos, cada um tem sua categoria e cada qual seu vencimento, e nestes então, alguns há, que chegam a ser irracionais e inacreditáveis. O indivíduo ainda que inteligente e trabalhador que tenha a infelicidade de cair num dos barrancos disfarçados que são os logares do pessoal menor do Estado, é homem perdido para toda a vida, pois ali não lhe vale o estudo, o saber ou a competência; nada mais é, nem nada mais será; ali chegou e ali cristaliza, nada há que consiga libertá-lo que não seja o desleixo, o relaxamento e a mándria que possa adquirir.

Não culpo dumão tão ridícula situação apenas os homens que num hora feliz se embrenham nesta política de pacotilha, insulto e veneno que os leva até às alcáttadas salas do Terreiro do Paço, pois mais do que eles são culpados os próprios funcionários a quem *O Século*, numa intenção bem compreensível de força propõe uma sagrada aliança para a disputa eleitoral.

Esse mais do que ninguém é o culpado, pois ele com o seu conhecido comodismo ignora que ele e só ele é o culpado do estado desgraçado a que as estradas de Portugal têm chegado; ele e só ele deveria ser o responsável pelo desleixo imperdoável a que chegou a instrução em Portugal; como ele e só ele deveria responder pelo desperdício da economia nacional que é o não aproveitamento das quedas d'água, da hula branca e dos inúmeros incultos; ele e só ele, porque é ele quem faz e executa as leis, boas ou más, suas muitas suas, embora com as suas penas muitos pavões se tenham enfeitado. Mas ele não sabe e tudo ignora. Desconhece até a realização do Congresso Internacional do Funcionalismo, do qual saíu a F. I. S. P. e ao qual assistiram representantes de 190.000 e ao qual vão aderir ou já aderiram mais 390.000, e ainda, de que nele foi resolvido conquistar dos governos uma situação completamente harmoniosa com o estado democrático que rege as repúblicas e de acordo com as transformações sociais profundas que estas têm sofrido na sua vida económica e social.

A especificação da natureza jurídica de cada funcionário na administração pública e a modificação deste estado de coisas por acordo de deveres especificados dos funcionários com os seus direitos profissionais.

O funcionalismo ignora isso como ignora ou finge ignorar a necessidade de uma modificação na forma de recrutamento, de vencimentos e de designação. O que o funcionalismo não pode ignorar é a transformação formidável porque tudo tem passado e porque o próprio estado terá que passar.

Compare-se os progressos da humanidade nestes últimos cem anos que no campo técnico, social, intelectual que no campo material, ter-se ha a certeza de que a única coisa que até agora se não modificou foi a organização estadual. Tudo gira como dantes ao sabor das conveniências pessoais e políticas. O que poderia ser um bem para a comunidade, como por exemplo: transportes, caminhos de ferro, navegação, serviços postais e telegráficos, telefones, T. S. F., aviação, serviços de saúde, instrução e relações económicas e internacionais é apenas um privilégio do dinheiro, da sorte da política.

Mas o funcionalismo a quem por vezes se cantam louvores e a quem *O Século*, presentemente vem a insensar, adocando-lhe a bôca para que de braço dado com as chamadas forças vivas vá a urna, em vez de se unir e como em França reclamar do governo o direito de reatino, e gritar aos politicos que o esquecem nas ocasiões críticas, e esquecem o Povo que os atura e lhes paga. Basta, vive disperso à mercê de todos os baldões da sorte, apenas notado pelo seu interesse pessoal, em detrimento dos restantes.

Mas convença-se o funcionalismo e convençam-se os politicos, a situação é melindrosa e aquilo que o funcionalismo não vê hoje, pode surgir amanhã. Basta pois de desprezcos e basta pois de tanta política. A que olhar para o alto, para o distante, visto que foi para isso que se fez a república e

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

A greve na refinaria de petróleo 'El Aguila'

Os trabalhadores empregados na refinaria de petróleo, que uma poderosa companhia inglesa possui em Minatitlán, Ver., declararam-se em greve, reclamando um aumento de salário e a terminação de muitos abusos, que a companhia e seus representantes vêm cometendo contra os trabalhadores.

Os operários estão filiados na Confederação Regional Operária Mexicana, organismo que apoia o governo «operário» de Calles, fazendo Luís Morones, um dos seus leaders, parte do ministério trabalhista.

Quando começou a greve a C. R. O. M. disse que apoiaria o movimento, declarando o boicote contra «El Aguila» em todo o país, mas o governo, que se intitula o representante dos trabalhadores organizados, fez concentrar tropas no local do conflito, para proteger a companhia e os amarelos.

O gerente da empresa, com as costas defendidas pelas tropas «trabalhistas», declarou, como fazem actualmente todos exploradores enriquecidos à custa dos sacrificios das massas populares, que o estado dos negócios não lhes permitia dar satisfação às reclamações dos trabalhadores, e que se estes se obstinassem na greve, a companhia paralysaria os seus negócios, transportando-se a refinaria para o estrangeiro.

Por toda a parte são, neste momento, idênticas as declarações feitas pela burguesia capitalista às reclamações das classes trabalhadoras, mas estas, no entanto, é que lhes demoram a condigna resposta, acompanhada de actos, de que «quem não pode arrear».

As perseguições ao operariado cubano

O governo de Cuba iniciou uma era de perseguições e de terror nas fileiras operárias.

Perante o soberbo espectáculo que dearam os delegados de mais de 200.000 trabalhadores que constituíram a Confederação Nacional Operária, os imperialistas norte-americanos encheram-se de medo, e deram ordens aos seus lacaios de Cuba, para que os trabalhadores não cheguem a realizar os seus propósitos.

Os capitalistas «yankees» têm nas fileiras operárias alguns lacaios, que trazem domesticados os ferroviários cubanos.

Por influência deles, a classe ferroviária não tem tomado parte nos congressos operários, e encontra-se, em parte, isolada dos restantes trabalhadores organizados.

Contudo, há numerosos casos, em que as massas têm saltado por cima das ordens dos chefes. Os magnates do «trust» do açúcar recelam, então, que se constitua uma poderosa organização, compreendendo os ferroviários, os trabalhadores dos presídios «acucareiros» e os dos portos, porque em caso de greve ver-se-iam obrigados a render-se, em vista de se verem bloqueados por todos lados.

Porisso recorrem ao terror das expulsões, julgando que por este meio poderão deter as ideias e a ansia de emancipação que sentem todos os trabalhadores do mundo.

O triunfo dos empregados da carris de ferro de Cuba

Os empregados da Companhia Ferrocarril de Guanánimo, em Santiago de Cuba, conseguiram um ruído triunfo, depois de terem posto em cheque a companhia e as autoridades durante mais de uma semana.

Dadas as condições especiais que atravessa a ilha, os grevistas tiveram que contar com a solidariedade de todas as organizações da localidade, que foram para a greve geral. Conseguiram o seu triunfo pela sua combatividade, e porque contaram com o apoio decidido de todos os restantes trabalhadores, porém a imprensa capitalista quer desviar a opinião e os próprios trabalhadores, fazendo crer falsamente que o triunfo é devido à acção dos árbitros nomeados pelo governo.

Abusos da força armada mexicana

Estando a celebrar uma assembleia os membros do Sindicato dos Padeiros de Jalapa, Ver., na sua sede social, foi esta rodeada pelas forças da guarda civil, que se confessar os motivos da sua missão trataram de impedir a saída dos assistentes.

Quando eles se dispuseram a abandonar o local, travou-se uma luta com os guardas tendo estes disparado sobre os trabalhadores, ferindo grande número deles.

Ignora-se a que se deve esta provocação, porque os padeiros não estavam em greve, e só discutiam questões de ordem interna do seu sindicato.

A crenga geral é que se trata de maneios politicos, a que não é estranho o governador do Estado, general Jara, dizendo-se que da casa dele também se fez fogo sobre os padeiros.

Publicações recebidas

Administração Técnica do Estado, por Alfredo Filipe Matos, edição do autor.

Memórias, por Raul Brandão, edição da Livraria Aillaud & Bertrand.

Entre Espadas e Amores, por Eduardo de Aguiar. Livraria de Francisco Franco.

Tropa de Africa, por Carlos Selvagem. Livraria Aillaud & Bertrand.

Almanach do Pensamento (astroológico). São Paulo-Brasil.

A bailarina loira, por Augusto Navarro. Livraria Civilização. Porto.

A arte nas Escolas Industriais, por Leal da Câmara.

La Brochure Mensuelle n.º 32.—L. A. B. C. do Libertaire, n.º 33. La causa biológica e la Prevention de la Guerra.

Vida errante, por Fialho de Almeida. Livraria Clássica. Lisboa.

se é democrático. Repare o funcionalismo que a ocasião é única e ao desprezo significativo dos politicos, saiba responder com a sua união e com o seu desprezo.

Na Bastilha de Monsanto

A exploração do trabalho dos presos

Camarada redactor. — São tantas e tão ignóbeis as infames injustiças aqui praticadas, que a pesar de todas as ameaças e mesquinhas represálias vejo-me na absoluta necessidade de apontar aos homens de coração, o absolutismo e tirania que campeia nesta prisão.

Muito tenho a dizer, mas por hoje limito-me a apontar a moral e o procedimento do industrial-roceiro Belchior Carretas, que, dizendo-se amigo dos escravos que explora infamemente, tem o arrojo de pagar a um official de serralheiro a quantia de 3\$50 sujeitos aos descontos para a fazenda nacional. Outros há que ganham muito menos e outros mais uns centavos porque trabalham horas suplementares.

Nesta moderna roça há dois operários impossibilitados de trabalhar por terem calos agravados em serviço. Um é serralheiro, e chama-se Júlio dos Santos, e o outro é carpinteiro. Pois os desgraçados estão fartos de sofrer dores e trabalharam até poder, não recebendo um centavo dos dias que não trabalharam e nem sequer o dia 5 de Outubro lhes pagou, chegando este cavalheiro a negar aos dois desgraçados o pago do dia que obrigatoriamente tem em atraso, (o sábado).

Outro pobre desgraçado que, por ter fome e precisando pagar os mensais emolumentos de carceragem, lhe pedia encarecidamente que lhe abonasse o dia de sábado que já tinha ganho, o industrial-roceiro disse que não podia, porque estava farto de dispendir dinheiro; e o operário calou-se, humildemente envergonhado como se ouvisse uma recusa ao pedir duma esmola.

Mas há mais: se Belchior Carretas entender por bem despedir um operário, como tem feito tantas vezes, e não o deixar ir trabalhar para outro lado, é porque não vai, porque ele também manda castigar presos «como lhe aprouver».

De todas estas infâmias para a que mais chamo a atenção de v. é para o indiscutível direito à lei dos accidentes no trabalho tanto sacrificio custou ao operariado e está sendo sacada aos pés por tanto tufano que impunemente escarnece dos desgraçados.—Um preso.

O decreto dos duodécimos

Da Associação de Classe do Pessoal Assalariado do Depósito Central de Fardamentos recebemos a seguinte comunicação:

«Tendo a comissão official do Sindicato do Pessoal do Depósito Central de Fardamentos, procurado o director geral da Contabilidade do Ministério da Guerra para se informar sobre o desconto de 10% nos salários do pessoal, foi-lhe dito por este senhor que o pessoal não era atingido por esse decreto, tanto mais que já tinha dado as suas instruções por escrito às várias dependências do mesmo ministério, ficando assim pela classe armumado este assunto.»

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço \$600.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão. Preço 10\$00.

A Cella dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2\$00.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço \$300.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço \$500.

A História do Movimento Macovista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archinoff. Preço 10\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de *A Batalha*.—(Desconto aos revendedores).

Queixas e reclamações

No Nospital do Rêgo

De António de Almeida recebemos uma extensa carta, queixando-se da forma como são tratados os doentes do Hospital do Rêgo, especialmente os da enfermaria B. Segundo essa missiva, aos doentes não lhes é fornecida alimentação em qualidade e quantidade suficiente, tendo há dias um doente da referida enfermaria recusado um ovo porque o enfermeiro pretendia fazê-lo ingerir. Também os doentes não têm calção, respondendo o enfermeiro quando lho reclamam que quem quiser andar descalço, quem não quiser que se mude...

A roupa, segundo ainda a mesma carta, é substituída de 8 em 8 dias, havendo apenas, para 28 doentes, trinta pares de ceroulas que são fornecidas por grande favor.

A assistência médica aos doentes também de longe a longe é que se nota, pois passam-se 15 dias que o médico assistente não vem à enfermaria.

Os factos que são narrados por António de Almeida não serão do conhecimento do director dos hospitais civis?

SOLIDARIEDADE

Comissão pró-auxílio de José Vargas Júnior, António Dias e Pedro G. de Oliveira

A comissão promotora da festa de auxílio aos deportados José Vargas Júnior, António Dias e Pedro G. de Oliveira, pede a todos os que ainda não liquidaram bilhetes que adquiriram, o façam urgentemente, a fim de não faltar a solidariedade que é devida a esses camaradas.

Pró-José Santos

A Secção Profissional dos Pedreiros do S. U. C. C. lançou um apelo a todos os componentes desta secção, a fim de prestarem a sua solidariedade a José Santos, que se encontra em precárias circunstâncias, tendo que se ausentar de Lisboa pelo seu estado de saúde.

Vida Sindical

Camara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Conselho Geral

Reúne hoje pelas 21 horas, para assuntos urgentes e inadiáveis.

COMUNICAÇÕES

Officiais da Marinha Mercante.—Em continuação de trabalhos, a assembleia ontem efectuada apreciou uma exposição do conselho administrativo, louvando-o unanimemente. Nomeou para secretário o consócio Eduardo Passalacqua.

Federação Mobiliária.—Conselho Federal.—Reuniu ontem com a representação da maioria dos organismos aderentes. Aprovada a acta da sessão anterior, leu-se o expediente que constava de officios dos sindicatos de Faro e Braga, Delegação Federal, e vários sobre trabalho nas prisões ao qual foi dado o devido destino. Entrando-se na oadom dos trabalhos foi lido um officio da Delegação Federal pedindo a demissão visto ir realizar-se a Conferência Mobiliária. Resolveu-se officiar-se-lhe a fim de se esclarecer o assunto. Lê-se um trabalho do S. U. Mobiliário do Porto que era para ser apresentado na conferência de Santarém. Apreciado na especialidade tomaram-se as seguintes resoluções:

Sobre o n.º 1 que propunha a nomeação da comissão organizadora do congresso corporativo; já foi nomeada há tempo. Sobre o n.º 2 que propõe a criação de sub-comissão em todos os sindicatos pró-angariação de receitas pró-congresso; baixou à comissão organizadora; sobre o 3 que propõe que todos os sindicatos contribuam com uma quota voluntária pró-congresso; já foi posto em prática pela comissão organizadora; sobre o 4 que a conferência marque a data do Congresso; o Conselho Federal reconhece a impossibilidade de marcar essa data e deixa-a à comissão organizadora à qual faz sentir a necessidade tão breve quanto possível, da sua realização. Sobre o 5 que propõe que os delegados à C. G. T. ali procurem que esta auxilie os trabalhos desta Federação; já tem sido posto em prática; sobre o 6 que a verba destinada ao Congresso não seja aplicada a outro fim.

Tido em consideração visto que é o que se tem feito; sobre o 7, que propõe que a Federação junto do Sindicato de Lisboa inste pela publicação do órgão corporativo deste sindicato; fez-se sentir este desejo aos delegados daquele sindicato; sobre o 8 que propõe que os militantes de Lisboa não aceitem outros cargos sem que os da Federação estejam completos; resolvido tomá-lo em atenção fazendo votos porque os ditos militantes o tomem em consideração; sobre o 9 que propõe que a Federação marque a sua atitude perante os maneios scissionistas, já foi pautada a nossa atitude bem claramente. Apreciou-se também um parecer sobre a forma como devem estar organizados os cesteiros em